

“Social don't matter” : Uma nova perspectiva para a antropologia social

Victor Excelsius

Universidade de Lisboa

Argumento

O social é o vínculo essencial das ciências humanas em termos argumentativos, como da antropologia social. Mas, o que é social? Ele importa assim tanto nos dias de hoje? Porque, ao analisarmos tantas relações, acaba a ciência por se saturar e nada dizer. Como encarar de novo o social, as redes sociais, que se deveriam de chamar antes, redes virtuais?

Desenvolvimento

1.

O homem é um ser eminentemente social, já dizia Aristóteles. Mas...mas hoje há outras variáveis, muitas até. Por esse motivo, devemos agregá-las ao item “social” ou dispensar este na nossa análise, ou seja, uma perspectiva integradora ou apenas sistémica, na análise dos dados sociais, do homem social?

2.

“O social não interessa”. Esta é uma conclusão a que chego após anos de investigação, há pessoas que não se preocupam com a sua imagem, outra sim, outrossim procuram viver a sua vida, individual, em função da sua imagem social. Portanto, a antropologia social tem de se ajustar. Redimensionar o objecto e, talvez, largar mão do que a caracteriza, porque, antes de mais, quando ela analisa o homem enquanto ser social, sociável, mais variáveis aparecem no sentido contrário, ou seja, o homem é tudo menos social. Mas não é essa a nossa perspectiva. Achamos que o social, na verdade, existe, digamos, é a grelha de análise desta ciência e concorre para que ela tenha prestígio e pertinência.

3.

Vejamos a seguinte situação, o seguinte problema: é possível fazer uma antropologia de Hollywood? Na tela, os actores desempenham certos papéis sociais, adstritos ou não a uma tradição, pouco atreitos ao que a antropologia social diz e pensa. Digamos de outra maneira, se a antropologia (como a sociologia) vive de laços, da sua identificação e sabe que o homem constrói laços, esta forma de entendimento das relações sociais mudou desde Marcel Mauss, com o seu fenómeno social total e Malinowski, com a sua original noção de trabalho de campo enquanto metodologia.

4.

Portanto, o cientista social progride no seu trabalho, descobrindo que o social não interessa, que o mundo das relações se desmoronou, mas ele não consegue esquecer do que o aguenta, ou seja, a tendência que o homem tem, real ou virtualmente, de fazer laços, mesmo apenas com o corpo, porque em certo sentido a alma sempre resolve o problema, dos laços excessivos e da falta deles, seja a minha seja a sua.

5.

Como então ler o mundo, seja subjectivamente, através da sua experiência enquanto corpo, corpo que controla e representa a mente no espaço social, e objectivamente, enquanto cientista social. Na realidade, o debate arcaico de se a antropologia é uma arte se uma ciência, mantém-se. Se admitirmos que o antropólogo é um artista, logo, a antropologia é uma arte e nada tem de científico, apesar e sobretudo pelo trabalho de campo, ou seja, porque analisa o homem, não pode ter a pretensão de ser uma ciência exata, mesmo do humano e de suas relações.

6.

E se a antropologia é uma arte, devemos todos, nós, antropólogos, ser artistas? Na minha opinião, à arte o que é da arte, se a antropologia fosse considerada uma arte, perderia toda a sua credibilidade, mesmo com respeito às artes, que tenho. Portanto, eu vou mais no sentido do *Cândido* de Voltaire, o cientista social não é artista, ele procura leis mesmo onde não as há, ou seja, procura sistematizar leis das relações sociais de vária ordem nos mais variados contextos.

7.

O trabalho do antropólogo vale por isso, não precisa de ciências auxiliares, pode andar anos em trabalho de campo na mesma comunidade e nunca obter reconhecimento, nem ter o carinho de um outro ser consigo, seja homem seja mulher. Por isso precisa de acreditar, em si a até nos outros que o insultam, duvidando da utilidade do seu trabalho, como se costuma fazer ao filósofo. Pode até ter deixado de contatar com os seus colegas, a su academia, mas não deixa de ser o que é, um antropólogo, aquele que procura *linhas* na realidade dos homens,

ligações, links, utilidade. Portanto, a realidade não é óbvia e ele procura ir muito além do óbvio sem poder parecer estúpido ou mesquinho, erro em que grande parte da arte incorre. Mas o trabalho do antropólogo, por outro lado, também é arte, uma arte, uma forma de arte, porque envolve improviso e desprendimento da realidade, para depois voltar¹.

8.

Reparas, depois, que a maior parte das pessoas tende, procurar seu o que não é. Será isto uma questão antropofilosófica por excelência, ou seja, eu guardo o meu eu para mim e na esfera pública procuro ser quem não sou, por estratégia, por jogo, mas quando me apercebo da finitude, da ideia de que posso não estar aqui ou em nenhum lugar logo amanhã, eu adopto outra estratégia, ser sincero, ser feliz, simpático, empático. Mas essa estratégia não resulta e eu volto à vida enquanto jogo, estratégia, desígnio eminentemente profano, quando mais não seja para não mais ser ferido. E então ando errante até um dia, até começar a mudar, a amadurecer, além dos papéis sociais e da sentença que me é ditada ao nascer, viver, viver muito e bem.

9.

Além do mais, descubres riqueza na mensagem da religião para ti, que ela, para uns é definidora da cultura, enquanto para outros é apenas um traço da cultura, seja como for, precisas de refúgio, de te sentires bem e que mal há em estar na zona de conforto quando não fizeste mal algum a ninguém?

¹ Uma pomba voa do lugar de onde estou. Entre os habitantes de Moscta, continuo sozinho, sem grandes amigos, ainda analisando o homem, o homem que sou e o que outros são. Neste dia acordei particularmente cansado, depois da entrega da tese em Filosofia, escrevi 14 livros de 180 páginas e uns quanto artigos científicos, digo, científicos, este é o trigésimo sexto. É natural que esteja cansado.

10.

Se virmos, por outro lado, a divisão, separação, entre antropologia contemplativa e antropologia activa, tudo nos parecerá mais claro. A primeira aproxima-se do homem e faz a união entre filosofia e antropologia. Mas também a aquela pode usufruir do trabalho de campo etnográfico para construir a sua teoria, como indiquei na minha tese. À antropologia interessam as práticas e os discursos. À filosofia também. Portanto, temos uma nova antropologia e uma nova filosofia, uma usando da reflexão filosófica para se fortalecer teoricamente, outra observando alguns dados a fim de se tornar mais científica.

11.

Recentemente, uma antropóloga americana disse-me que já não se nomeava “o Homem” na literatura antropológica, mas o género humano, talvez por influência daquilo que a antropologia defende actualmente, os LGBT, as minorias, os direitos humanos, os direitos das mulheres. Fiquei pensando e percebi que na filosofia ainda se usava a expressão. Será porque a filosofia é patriarcal, tem a ver com a dominância/abstrativa do masculino face ao feminino? É, então, uma união de contrários aquilo que ensaio, enquanto que uma se foca nos direitos dos mais pequenos e mais pobres, daqueles que não têm voz, a outra é a voz dos poderosos, de certa maneira, um luxo a que pouco têm direito...

12.

Mas...será mesmo assim?

Filosofia é a argumentação sem argumento, ou seja, o método sem metodologia, no assentimento de certas verdades eternas, aí se aproxima mais da Teologia. Mas esta sempre conviveu com a antropologia, quanto mais não fosse através dos missionários, sobretudo no tempo das

Descobertas. Enquanto a filosofia é do Estar, a Antropologia é do ir, do pertencer, da procura de uma nova pertença para o jovem antropólogo. A teologia, ao invés, é do olhar, pertencer a uma dimensão escatológica que tem de ser reforçada pela oração, pela liturgia, porque nos escapa no ritmo buliçoso do quotidiano...

13.

Quando não és tu próprio, aumenta a antipatia e a má-educação da tua parte, embora as pessoas prefiram que seja Outro, só para lhes fazeres as vontades, de tão caprichosas que são, bem, nem todas, algumas. Onde o amor é confundido com sexo, a má-criação e má-educação aumentam, porque as pessoas não procuram ilustração, mas circo e é desse circo que se ocupa a personagem do antropólogo, mais uma entre as dezenas de papéis sociais que podemos encontrar na sociedade moderna ou, então, nas sociedades tradicionais, que estão, elas mesmas, atravessando terríficas mudanças, não sei se para bem se para mal. E tudo isto faz com que a alegria seja escassa, as igrejas estejam vazias, tudo concorre para se degradar o ambiente social, como por exemplo no aspecto do lixo, a câmara tem de vir de vez em quando fazer uma desinfestação, tal é a quantidade de lixo e moscas que se acumula em certas artérias da vila.

14.

Portanto, a noção clássica de trabalho de campo em antropologia também se alterou. Hoje em dia, eu posso fazer campo pelo visionamento da televisão, pouco mais e chega o bastante que as emissoras debitam para retirar daí as mais diversas considerações filosóficas, antropológicas.

15.

Portanto, quando dizemos, como nos disseram, que o social não importa é porque o social deve ser outra coisa do que foi sendo na antropologia, nas ciências sociais, devemos poder convocar para o corpo da antropologia sociais outros saberes que não os clássicos, outras formas de abordagem do real e da condição humana, como por exemplo, a psicologia, a geografia humana, a filosofia. Por isso é que eu defendo uma ligação direta entre antropologia e filosofia, para que ambas se enriqueçam mutuamente e quando falo de antropologia, falo de antropologia social, logo de relações sociais.

16.

Portanto, quando dizemos que o social não existe é porque a realidade, a social e a outra, a restante, a totalidade, é um ficção na mente do antropólogo, um instrumento para pensar a realidade e, porventura, a alterar, enquanto o filósofo se fica pela reflexão, não admite dados etnográfico, envolto numa retórica por vezes para lamentar...

17.

Quem se importa? Enquanto os antropólogos (nem todos) se preocupam em analisar a natureza das coisas, das pessoas, e da relação entre eles, alguns quantos homenzinhos decidem o seu destino milionário em negócios sem princípios, os mais diversos, lenocínio, pederastia, tráfico de seres humanos e de droga. Nunca o mundo esteve tão aberto e nunca as pessoas foram tão sós. Mas eu descubro na filosofia uma forma de ser feliz, ainda que sem corpo, sobretudo sem corpo, na religião procuro um certo conforto para os sentidos atribulados e confusos. E em mim mesmo procuro paz com Deus, esse Deus que nunca me abandonou e que eu não culpo por nada do que me tem acontecido...

18.

Depois, a antropologia física, a social enquanto sucedâneo daquela, ou seja, pela complexificação das relações humanas, pela mudança do mundo, muitas das vezes *ab contrario*, foi necessário criar uma ciência, antes de mais nascida do colonialismo ocidental e assente na ideia de contexto cultural, cidade, bairro, vila, aldeia. Face a isto, o aumento da criminalidade e o concurso da psiquiatria para responder a problemas sociais cada vez mais evidentes, mas a antropologia vive das águas profundas, não do que está à superfície, enquanto a filosofia, vive de um espaço árido, inabitado, seco, onde se conclui que nem sempre o homem está só, perdão, o género humano, que por vezes há laços indestrutíveis, que vão e se prolongam muito além da morte, a nossa e a dos outros, porque esse magma das relações tudo leva à frente umas vezes, e outras se desdobra gentilmente no âmbito da imaginação, lembrando Bachelard.

19.

Assim sendo, talvez estejamos no terreno próprio do que hoje se chama de antropologia radical, ou seja, tudo na realidade se constitui como objecto, ou seja, o que está dentro do homem e de suas memórias e o que está fora, na realidade psíquica e psíquica percebida pelos sentidos. Assim como há um segundo cérebro alojado nas paredes do estômago, há uma nova forma de perceber a interioridade face ao corpo e à percepção face à realidade, ou seja, o domínio da exterioridade face ao corpo. Porque o corpo é a bitola com que aferimos a nossa relação da realidade total e desta a realidade social.

20.

Sim, talvez o objecto da antropologia seja apenas o Tempo, como o é da filosofia (*Time and the Other*, Johannes Fabian), ou seja, ao relacionar-me com o outro eu faço accionar um determinado ponto da realidade cosmo-física, faço uma ignição no sentido recíproco de comunicação, não apenas do observador, mas do actor social em si.

21.

Tempo e relações sociais, eis portanto um novo ponto para uma nova antropologia, que saiba dialogar com a abertura que a filosofia tem, porque enquanto uma é não-ocidental por natureza, outro é pró-ocidental. Mas ambas admitem excepções porque são, digamos, “ciências abertas”. E é nesse sentido que queremos argumentar, dizer que a realidade do sujeito se estilhaçou mas por outra via, agregando elementos exterior, se constituiu doutra forma, ou seja, o sujeito de hoje, o actor social, possui muito mais escolhas que reiterem ou construam a sua realidade, muito mais do que há duas décadas atrás, a velocidade da libertação do real é, mais do que local, cosmogónica, novos mitos se constituem e não falta material de estudo para os antropólogos de hoje, como nos estudos de performance, por exemplo.

22.

Uma outra questão, que levantei num meu outro escrito é a questão da ética do antropólogo (*Será Possível ser Eticamente Imparcial?*), pois, mas o antropólogo não julga, ele deixa acontecer e faz o registo, para que, de uma maneira ou de outra, alguém se possa servir do seu testemunho, dos seus escritos, para memória futura ou para intervir no imediato, como por exemplo os assistentes sociais, que cada vez mais vão conquistando terreno que a antropologia conquistou em décadas do século passado.

23.

Depois, as instituições. Muitos se atêm a instituições, antropólogos ou não e vivem sob a alçada delas e nem sei se é por influência de Pierre Bourdieu que as exploram, não fazendo nada de autónomo porque é mais arriscado correr por fora, sem ter o guarda-chuva da instituição... Cabe a este propósito lembrar o seminal livro de Mary Douglas, “Como Pensam as Instituições” e até “Eu, Pièrre Rivière...” de Michel Foucault, para além do seu “É Preciso defender a Sociedade”. Tudo obras que equacionam a relação do sujeito com o mundo social, a forma como ele encadeia a sua acção por princípios que ora estão cheio de normalidade ora anormalmente fogem desses princípios.

24.

Portanto, eis a sociedade de auto consumo, o olho vítreo do sujeito que olha os outros olhos que para ele olham, eis a sociedade de autópsia mútua, como lembrava Nélia Dias num dos seus primeiros escritos enquanto docente do ISCTE de Lisboa e a musealização da vida social, ao abrigo da Polícia, do estado, da Igreja. Tudo é observável, até a trampa, porque sai do corpo, como saem as suas obras do seu espírito, boas ou más, nefastas ou caridosas, mas sempre contagiantes ao nível do que é a extensão da realidade do sujeito, objetal, no mundo que tem diante de si enquanto câmara que tudo filma, ora grava, ora apaga, ora leva para diante ora para trás, conservando o que é preciso para um certo sentido de missão, uma missão individual ante o que é sujeito a estar enquanto social...

25.

A sociedade e suas leis funcionam por substituição, de indivíduos, chamados de mónadas por Leibniz, que se encontram umas com outras e se embatem umas às outras, na demanda de saber quem irá perdurar mais, sendo que todas (todos) têm o destino traçado, mais tarde ou mais cedo, que é desaparecer. Enquanto uns acham que esta estada nesta vida (assim concluimos pela reflexão) determina outra possível vida, outras acham que esta vida não se vai repetir, isto de forma alguma. Não fazemos juízo algum. Estamos aqui para registrar fenomenologicamente o que se passa, o que vai acontecendo, com nós mesmos e com os outros... Por isso dizemos o que dizemos, produzimos os textos que produzimos... A bem da autoconsciência, a nossa e a de alguns mais, pois não queremos alterar a maneira de pensar de uma maioria que não se questiona porque via vivendo assim, na auto perpetuação de si mesmo e de um mestre, seja ele acadêmico, científico ou religioso, por que poucos são aqueles que arriscam quando têm muito a perder...

26.

Porque o sujeito vive de memórias, inconsciente ou conscientemente, ou seja, o imaginário da antropologia é o imaginário do sujeito e vice-versa, não há volta a dar (Joël Candau, *Anthropologie de la Mémoire*), o sujeito produz teoria para a antropologia e ela só tem de o ouvir, porque é o sujeito que ele ouve, o seu discurso, percebe o seu comportamento, não é a sociedade como um todo, mas apenas o sujeito enquanto sintoma da sociedade.

27.

O actor social é o sujeito que treme, empático, porque vê a sua vida sendo observada (*Observers Observed*, Stocking), ele reconhece a alguém e lhe entrega a possibilidade da sua vida ser documentada, é assim nas

história de vida, é assim em todo o lado, a antropologia está por todo o lado, ninguém ousa dizê-lo, mas todos o sabem, assim com a filosofia e as duas poderão funcionar em conjunto para a construção de uma nova teoria da sociedade, de uma sociedade mais plena, inclusiva, dinâmica e pura...

28.

Portanto, os veios e cabelos que assentam sobre o edifício teórico de ambas as disciplinas poderão fazer suspender o item social, mas ele voltará, sempre que é preciso, para que se defender um modo de vida, uma forma de estar e o actor social em todas as suas dimensões de exterioridade...

Lisboa, 6 de Outubro de 2022

